

13/10/99
23
A-8

■ NACIONAL

Produção sustentada vira realidade na Amazônia

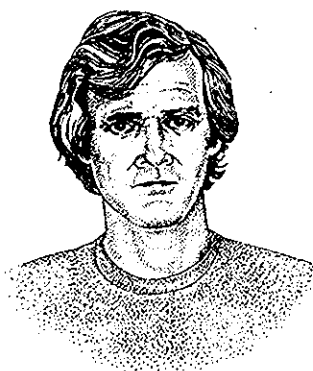
Ao completar dez anos, o Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado transforma-se em alternativa ambiental e de renda para o produtor rural da região

Enio Vieira, de Nova Califórnia

O plantador de fumo Francisco Berkenbrock, 42 anos, saiu de Santa Catarina em 1981 na companhia de um dos seus seis irmãos, para “subir até a Amazônia”. Foi parando pelo caminho, sem a menor idéia de onde iria ficar. Em Porto Velho (RO), ele cruzou o rio Madeira e entrou pela BR-364 em direção a Rio Branco. Cerca de 357 quilômetros depois soube de um assentamento, próximo ao posto de gasolina Santa Clara. “Não havia nada, e ninguém escapava da malária. Mesmo assim ficamos porque aqui tinha terra”, conta Berkenbrock.

A aventura do catarinense repetiu-se mais 363 vezes, com famílias que saíram de todos os cantos do Brasil. O que elas não sabiam é que estavam criando um modelo para assentamentos de pequenos agricultores: o projeto Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado (Reca) que completa dez anos este ano com apenas uma desistência. Além de viável economicamente (média de seis salários mínimos mensais por família), o Reca está se caracterizando como uma saída ambiental para a Amazônia.

“No longo prazo, os assentados na Amazônia terão de chegar a algo parecido ao Reca”, explica o agrônomo José Fernandes do Rego, secretário de Produção do Acre e um dos pensadores do “neoestrativismo”. As famílias do Reca ocupam áreas de 2 a 100 hectares, que foram desmatadas, a partir dos anos 70, para a implantação de pecuária de cor-



Francisco Berkenbrock

te. As pastagens estão sendo substituídas por cupuaçu, palmito de pupunha e castanha, culturas originárias da floresta e viáveis no mercado.

A vegetação foi bastante devastada na região do Reca. Sobram as enormes castanheiras ilhadas nas pastagens. A floresta perdeu 40% de suas árvores. Os pastos recortam as matas ainda restantes, lembrando a todo momento os projetos agropecuários. As fazendas chegavam a 30 mil hectares. Na faixa de terra entre elas e a BR-364, o governo realizou loteamentos de 2 mil metros por 500 metros (100 hectares), que hoje caíram muito de preço e podem ser comprados por R\$ 40 mil.

As culturas de cupuaçu e pupu-

na já cobrem 1 mil hectares no projeto Reca. Tudo segue um padrão ecologicamente correto, ainda que seja de plantação intensiva (com as plantas enfileiradas). As famílias estão divididas em 12 grupos, alocadas em áreas não contínuas, mas todas em um raio de 45 quilômetros do vilarejo de Nova Califórnia (RO). Os sete irmãos Berkenbrock agora vivem num desses 12 grupos, com 19 famílias ao todo. As propriedades deles ficam ao longo do “ramal” (estrada que corta as matas) da Baixa Verde.

A “cidade” que é um distrito de Porto Velho (RO) surgiu, em 1984, a partir do posto de gasolina onde desembarcou Francisco Berkenbrock. São cinco mil habitantes que dependem dos ganhos do Reca. Quando foi criada, Nova Califórnia fazia parte do Acre. Houve um “boom” de investimentos públicos. Mas, uma briga judicial interrompeu as melhorias: o governo de Rondônia foi ao Supremo Tribunal Federal (STF) reclamar a posse da região, ganhou e agora os moradores do distrito tentam a emancipação.

“Boa parte do que existe, como a abertura de ruas, foi feita por nós”, lembra o paranaense Sérgio Roberto Lopes, 39 anos, um dos mais atuantes no Reca. Ele tem 78 hectares e

divide o seu tempo entre o sítio e a sede do projeto, onde funciona toda a estrutura de apoio. As ruas são todas de terra, com muita poeira. Os serviços são precários. Os telefones estão conectados à Teleacre, e a energia elétrica vem de Rondônia. “Há cidades acreanas que estão recebendo R\$ 1 milhão. Faríamos muito com uma verba dessas”, acrescenta.

A organização é um dos pontos altos que diferenciam o projeto dos assentamentos convencionais do Incra — que são um desastre ecológico na Amazônia. Os produtores aboliram disputas políticas para a liderança do Reca. O nome escolhido sai por consenso, eliminando brigas internas. Há muita conversa, e as reuniões são frequentes. Chegam a 18 em um único mês. “Até diminuíram. Agora, por exemplo, estamos discutindo a reforma em nosso ramal. Mas tem de gostar de conversar, discutir”, diz Francisco.

Atrás da concepção do projeto, está a Igreja Católica. Os membros do Reca eram agricultores que tiveram dificuldades quando foram assentados pelo Incra em 1984. Fracassou a idéia de plantar arroz, mi-

lho. “Fomos buscar ajuda de dom Moacir Grechi (então bispo de Rio Branco e hoje de Porto Velho), que nos encaminhou para uma ONG holandesa”, conta Sérgio Lopes. Desta maneira, estavam prontas as duas linhas mestras do Reca: apoio da Igreja e planejamento da ONG Cebemo, hoje chamada Bilance.

Em 1989, os holandeses investiram US\$ 958 por hectare, a fundo perdido. Os agricultores fizeram algo pouco comum. O repasse às

VIDA BRASILEIRA

famílias através de financiamentos sem taxa de juros, que terminaram de ser pagos no ano passado. “A vantagem daqui é a amizade. Encontro quem pode me ajudar na hora da dificuldade”, diz o cearense Raimundo Félix, 47 anos e pai de três filhos. A família inteira o ajuda na colheita. Ele tem 50 hectares no projeto. Com o dinheiro ganho no Reca, comprou até uma casa em Nova Califórnia.

A parte comum a todas as 364 famílias é a obrigatoriedade de entregar o cupuaçu. Os lucros da venda são repartidos de acordo com a produção entregue. No vilarejo, à beira da BR-364, funciona uma unidade de beneficiamento da fruta com câ-

maras de resfriamento e embalagem. “Conseguimos 151 toneladas de polpa congelada nesse ano. A semente está sendo mandada para o Japão para virar chocolate”, explica Hamilton Condak, 29 anos, produtor que está cada vez mais no dia-a-dia da comercialização.

O gerenciamento é um dos gargalos do Reca. “Propomos uma abordagem mais empresarial, sem deixar de lado o grande espírito de associação”, conforme um relatório recente da Bilance. Para resolver a questão, foi contratada uma consultoria do Sebrae. A ONG colocou R\$ 555 mil em doações no Reca, em dez anos, o que possibilitou a formação de ativos de R\$ 907 mil. Depois da divisão dos recursos das vendas, o balanço do projeto fechou 1998 com lucro líquido de R\$ 19,3 mil — sem endividamento do Reca.

O próximo investimento será em uma “fábrica” para processar palmito de pupunha. As instalações ficarão na sede, em Nova Califórnia. O produto já está sendo comercializado, com êxito, com empresas de processamento do próprio Acre, como a Bonal e a Agroindústria da Amazônia, que vendem para todo Brasil. Ano passado, as principais fontes de renda no Reca foram a semente de pupunha (50%), o cupuaçu (31%) e o palmito (15%). “Mas cada produtor tem ainda a sua produção doméstica, vendida individualmente, gerando renda adicional”, conta Berkenbrock, que com isso mantém a família de cinco filhos.